

ESPOZENDENSE



Director, proprietario e administrador—José da Silva Vieira.
Composto e impresso na «Typographia Espozendense» de José da Silva Vieira—Espozende

PUBLICAÇÃO SEMANAL
2 DE JUNHO de 1910
IV ANNO
ASSIGNATURA (pagamento adiantado)
Anno, semestampilha 1\$200 reis. * Com estampilha 1\$360 reis.
Numero avulso 40 reis * Brazil, (moeda forte) 2\$500 reis
Redacção e administração, Rua Velga Belrão n.º 7 a 9—ESPOZENDE

ANUNCIOS (secção competente)
Por cada linha, ou espaço de linha a 40 reis * Comunicados, ou reclames (secções)
Os snrs. assignantes tem 25 % de desconto. * Imposto do sello (em cada publicação) 10 r.
O pagamento dos annuncios é feito no acto da entrega do original. Annuncios annuaes, contra especial. Annunciam-se todas as obras litterarias ou scientificas das quaes recebemos um exemplo
Os originaes enviados á redacção, não se devolvem, sejam ou não publicados.

N. 191

MORAL PUBLICA

A maledicencia é hem visivel no meio da desorganisação que caracteriza o actual estádio social.

Todos os males de que enferma o nosso paiz, concorrem n'um grau mais ou menos avantajado para este negocio de coisas, que de todo carece d'uma prophylaxia geral e rapida. A instrucção publica, descure por um lado a educação moral do individuo, com a qual, ligação de especie alguma procura ter no ambito das suas disciplinas. A religião na sua generalidade, tão mal baratada anda pelas mãos dos seus ministros, que temeridade seria quasi o querer por instantes confiar-lhe a moralidade d'uma nação, como a nossa, em que os antecedentes morbidos tão radicalmente estão caracterizados. Que fazer n'esta lueta com uma inopia tão grande de recursos, senão tentar um remedio que por o collo-

carmos no final de todos, nem por isso deixa de ser o mais viavel, o de resultados mais praticos e instantaneos? E' da coacção por meio de leis energicas e repressivas, que ainda assim poderemos obter com exito favoravel para a extincção d'este mal tão disseminado por todo o paiz.

Da maledicencia todos se queixam; contra a maledicencia, porem, nunca ninguem pega em armas, porque ella passa quasi a ser um attributo de mesquinha vida indigena, que, afinal, de nada e para nada aproveita. Em Espozende, o espectáculo da maledicencia aliado a uma falta de educação generica, n'uma determinada classe de individuos, chega a ser por vezes pavoroso. E' fallar mal por um vicio atavico, que faz a certas pessoas pronunciar obscenidades, quasi que na inconsciencia do que dizem. Obscenidades e um calão vergenoso aos garotos que debandam para a escola, as juras mais repugnantes e vis a pescadores

na Ribeira e nos caes, uma licença atrevida e incommoda nas raparigas que vão á fonte, pragas e insultos a carreteiros e cocheiros. De tudo se vê, Santo Deus!

E' uma scena vulgar das nossas ruas, ouvirmos certas mães chamar de voz em grita aos filhos, epithetos diffamantes em menosprezo da honra propria e do bom nome de seus maridos! No entanto o facto repete-se e parece não ter havido ainda alguém que abrisse os olhos a tão dementadas creaturas, pela infamia de que ellas mesmas se cobrem ao quererem castigar os filhos! Mas a lei lá continua na inercia do papel para que foi creada; a lei não se cumpre e quando se vae para cumprir, não se acata. Os ouvidos castos do publico, o socego geral, são logares communs que a contradicção dos factos collocou no campo das utopias. Isto vae dito assim, porque na realidade, o que se vê é cada vez menos decôro na linguagem, um maior rela-

xamento de parte das autoridades no sentido de cohibirem tão desmesurados abusos. Ha para ahi, não sabemos que disposições do codigo de posturas municipaes e d'outros codigos, formulados no intuito de se prohibir os desmandos de linguagem, os palavrões e as obscenidades proferidas publicamente. Ha para ahi, também, não sabemos se um zelador-mór, ou apascentador de muáres pelos logares relvosos da villa. Mas para que servem essas leis prohibitivas e comminativas dos crimes rotulados sob o distico de «offensas á moral publica» se quasi todos as desconhecem e desprezam? Para que serve essa rara e exotica instituição, cujo principal e isolado representante se intitula pomposamente o zelador-mór? Compenetrassem-se as autoridades da consciencia do papel que lhes incumbe e o espectáculo indecoroso que actualmente apresenta o desbragamento da linguagem por essas ruas, ficaria sem duvida muito

attenuado na tristeza que nos causa, ao presenciar-o. Falla-se ainda por aqui com veneração, d'um administrador que ha annos conseguiu pôr côbro, ao menos momentaneamente, aos abusos a que nos vimos referindo.

Porque não procuram todas as auctoridades, imitar o exemplo fructificador d'aquelle amigo do saneamento moral da nossa terra?

ADVOGADOS
EDUARDO MOTTA
E
DOMINGOS ALEXANDRINO
RUA CASTRO MONTEIRO

Novas moedas
Foram já postas em circulação as novas moedas de 100 reis em prata do novo padrão.

A BOA PORTA
Atraz de cachopa bella
Corria, doído por ella,
Nobre fidalgo, a dizer:

Em Mombeja éi o Quétano
De Pero-guard' o Selão.
156 Santa Victoria, santinha
Ervidel, San Julião,
Mombeja, Santa Suzana,
Bringel, Mãe da Concêção. (3)
157 Elvas pela manhã, Badajoz á tarde.
158 Guarda tem 4 ff,
Feia, fria, forte e farta.
Publicacas por A. Pires, na *Sentinella da Fronteira*.
159
O meu amor é d'Alvito,
Nascido nas adroéras, (4)
Dá tanta volta na cama
Com' ós péxes na rebêra.
160
Cidade de Portalegre,
Duas coisas tens em ti,
Uma éi a favrica das rôlhas,
Quir' o Senhor do Bomfim.

(3)—Aldêus proximo de Beja.
(4)—Aroeira. Cresce em grande quantidade no districto de Beja, tornando-se algumas arborescentes. Tenho ouvido pronunciar darorêra (agglutinação da preposição de). Antonio Pires publicou adroéras. E' nova phase porque passou a palavra.

FOLHETIM

DEMOSOPHIA

DICTADOS TOPICOS PORTUGUESES

III
REFERENCIAS DIVERSAS
QUE NÃO SÃO ELOGIOS
NEM APODOS
(CONTINUAÇÃO)

- 131 As creanças que estão para nascer veem de Lisboa n'uma condencinha.
- 132 Ceremonia de Veiros diz-se da porção de comida que fica na meza sem ninguem se atrever a tirar por se pouco.
- 133 Bem te conheço.
E's de Braga e chamasti Lairenço.
- 134 Os de Campo Maior são manos.
Effectivamente por quasi toda a raia os visinhos de uma povoação, e as vezes mesmo aos das outras, tratam-se por manos.
Quando chove e faz sol.
Balham as moças de Campo Maior.

- 135 Aos de Estremoz também chamam os gadanhas, porque possuindo um bello lago no rocio, em meio d'elle se ergueu a estatua de Saturno, ou o Tempo, a quem o povo chama o João da Gadanha.
- 136 Quando se vê alguém com braços ou pernas magras diz-se-lhe:—Se passas por Guimarães ficam-lhe lá as canellas para cabos de facas, alludindo ao fabrico de cabos de garfos e facas.
- 137 Salvaterra é do rei,
Villa Nova da Rainha,
S'eu fóra filha do rei
Já Villa Nova era minha.
- 138 Aronches—terra de porcos.
Por ser abundante em montados.
- 139 Niza—Côrte das areias.
- 140 Cacilhas é terra dos caes.
Explica-se: Algum dia os lisboetas para se verem livres dos caes que infestavam a cidade mettiã-n'os u'uma falua e mandavam-n'os para a outra banda.
- 141 Portalegre—terra das canastras.
- 142 Os de Braga não fecham a porta.
- 143 Ade's, ó villa d'Orique,
Já te mandãram fazeri

- Casa nova e tribunali,
Aonde o pobre vaeazeri.
- Aonde o pobre vaeazeri,
Aonde o rico vae jurari.
Adê's, ó villa d'Orique
Já lá tens o tribunali.
- 144 Aos de Campo Maior também chamam de *Campo Joannes*.
E' tradição que a aldeá, que depois foi villa, se chamou *Aldêa de Joannes*.
- 145 As pessoas de Alter Pedroso teem os dentes pretos.
Dizem que é das aguas de uma fonte que ataca o esmalte.
- 146 Por brincadeira, diz-se a alguém que tosse ou se engasga:
S. Braz de Montoito
P'ra acudir a um
Afogueu oito.
- 147 Quem quer aprender a andar
Vá d'Arronches ó Assumar,
Quem quer outra légua' assim
Vá d'Elvas a Villa Boim. (1)
- 148 Campe Maiori, (2)
Terra das manas,

(1)—Revista Lusitana.
(2)—Idem.

- Umas engratas
Otras tirannas.
- 149 Alfundão
Todos p'lejam eninguem tem rezão.
- 150 Comparo Beja com Quintos,
Balêzão com a Salvada,
Alvito com Villa Real,
Alfundão com Pero-Guarda.
- 151 Adê's cidade de Beja,
Terra da miuha afflicção;
Deram tres horas da tarde
Quando fui p'ró batalhão!
- 152 O' Beja quem t'arrazasse
Com um copo d'aguardente,
Que ficassem só os santos
Par' ó emparo da gente.
- 153 Sou do termo d'Alcoutim
Batisado em Olhão.
Cantadores com' a ti
Lev'-os eu ó cachação.
- VARIANTE
154 Sou do termo d'Acotim,
Bautisado em Lólê.
Cantadores com' a ti
Lev'-os eu ó pontapé:
- 155 Zé da Rosa da Fignêra,
E o Fialho em Alfundão,

